

# **Intervenção urbana** ***da escola para a comunidade***

Prof<sup>a</sup> Geisa Silva

## Arte e espaço público

A primeira etapa deste trabalho consistiu na teorização da arte e do espaço público, de como se dá essa relação, que envolve não somente pensar o fazer artístico, mas pensar a cidade e toda a sua complexidade, sua história, sua lógica socioespacial e sua geografia física e humana, postas em consonância com os elementos e fundamentos conceituais para a elaboração de um projeto artístico de intervenção urbana (Barja, 2008).

Tivemos o artista Francis Alys como base do nosso trabalho, inserindo o caminhar como poética. Foi a partir do caminhar pelo local de origem que se deu todo o trabalho.

(...) Eu passo parte do meu tempo caminhando pela cidade (...). Com frequência a concepção inicial de um projeto surge durante uma caminhada. Como um artista, minha postura é similar àquela de um transeunte — tento constantemente

te situar-me no entorno que se move. Meu trabalho é uma série de anotações e registros. A invenção da linguagem coincide com a invenção da cidade. Cada uma de minhas intervenções é um outro fragmento de uma história que eu estou inventando, sobre a cidade que eu estou mapeando (ALYS apud KIM, 1994).

A partir das obras dos artistas (Anexo I) — com as quais foram instigados a refletir sobre seu meio, apresentando intervenções que pensaram e fizeram para determinado espaço urbano —, também nos perguntamos: “O que pode ser feito no seu meio?”. E afirmamos, ainda, que esse estudante pode intervir em seu espaço, pois a arte não está restrita à galeria de arte, aos museus e aos estudos escolares: ela pode fazer parte da vida e só faz sentido quando está ligada a ela.

O papel dos professores é importante para que os alunos aprendam a fazer arte e a gostar dela ao longo da vida. Tal gosto por aprender nasce

também da qualidade da mediação que os professores realizam entre os aprendizes e a arte (IAVELBERG, p. 10, 2003).

O papel da professora do ensino médio vai além do conhecimento e da produção artística. Os últimos anos do aluno na escola serão decisivos para suas escolhas futuras, e esse trabalho de mostrar a importância da arte na sociedade — por meio da intervenção urbana — e aproximá-la da vida desse aluno é fundamental para sua relação com a arte fora do meio escolar. A forma com que é trabalhada a arte pode influenciar se esse aluno, na vida adulta, vai incluí-la em sua vida ou não. Apresentar os espaços expositivos da cidade, a relação da arte com a sociedade e a compreensão da arte no espaço público é de extrema importância.

## **Comunidade na escola**

No segundo momento, os alunos trouxeram observações de seu meio para a escola, e fomos buscan-

do semelhanças e diferenças conforme as impressões e vivências em seus espaços.

Nessa etapa do trabalho, cada aluno afirmou sua identidade, como se fosse porta-voz do lugar em que vivem. Todos trouxeram observações do “caminhar” de Alys para a sala.

As intervenções urbanas estão presentes nas áreas centrais das cidades. Levar intervenções urbanas para locais menos óbvios foi bastante significativo e um dos pontos do conceito coletivo dos trabalhos. Esse foi um aspecto muito discutido pelos alunos em sala.

A partir das discussões, eles faziam anotações e, juntos, até formulávamos perguntas gerais sobre as características desses lugares, visando conhecer os habitantes e o espaço a ser explorado.

Entender a cidade, seus atores e seus equipamentos públicos como um meio e suporte flexível, além

de um lugar predestinado a esse modelo de arte, é pensar e querer dar conta de uma determinada sociedade e de seus possíveis (Barja, 2008).

Essa parte escrita é fundamental para pensar e executar o trabalho, pois eles conseguem visualizar suas ideias, analisar possibilidades de execução e fazer possíveis mudanças de seus projetos.

A professora esteve presente nessa etapa, mediando as ideias e fazendo novas perguntas sobre o local a intervir, de forma que esse aluno buscasse características do seu ambiente além das observadas no dia a dia. Que percebesse como essa observação exigia o seu papel de investigador de seu meio, e não somente como parte dele.

Os trabalhos puderam ser feitos em dupla, conforme a localidade desses estudantes, permitindo que discutissem entre si e conseguissem chegar a um consenso. A professora deu, ainda, liberdade para que fossem apresentadas propostas de trabalho individual.

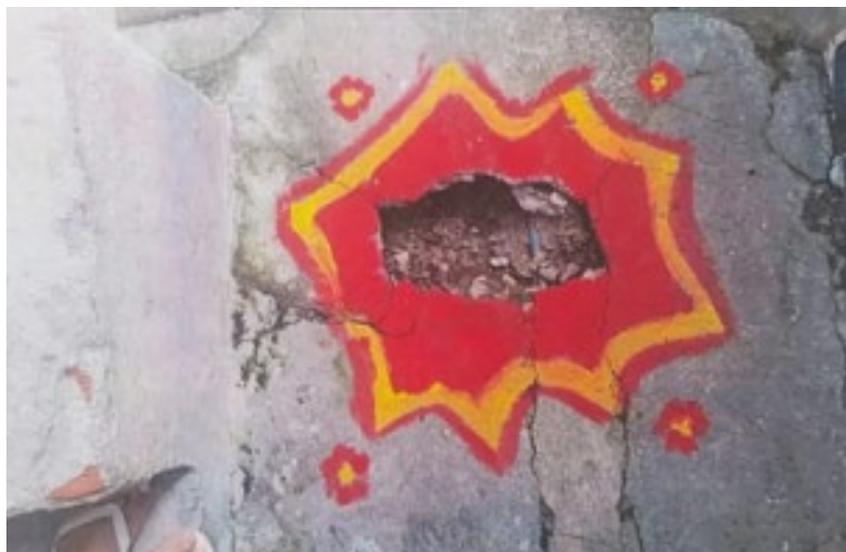
## **Da escola para a comunidade**

Essa linguagem exigiu dar aos alunos autonomia em seus projetos, pois o bairro onde a escola se encontra não é o de origem deles, que precisavam executar os trabalhos em suas comunidades, fotografá-los e trazer para a escola os resultados. Com base no projetos e nas preparações em sala, a professora estava ciente dos materiais que seriam utilizados, dos locais em que seriam realizadas as intervenções e de cada conceito criado pelos alunos acerca delas.

As intervenções foram criadas com base em alguma necessidade que o aluno encontrou para sua comunidade ou mesmo para dar visibilidade a algum problema existente nesse espaço.

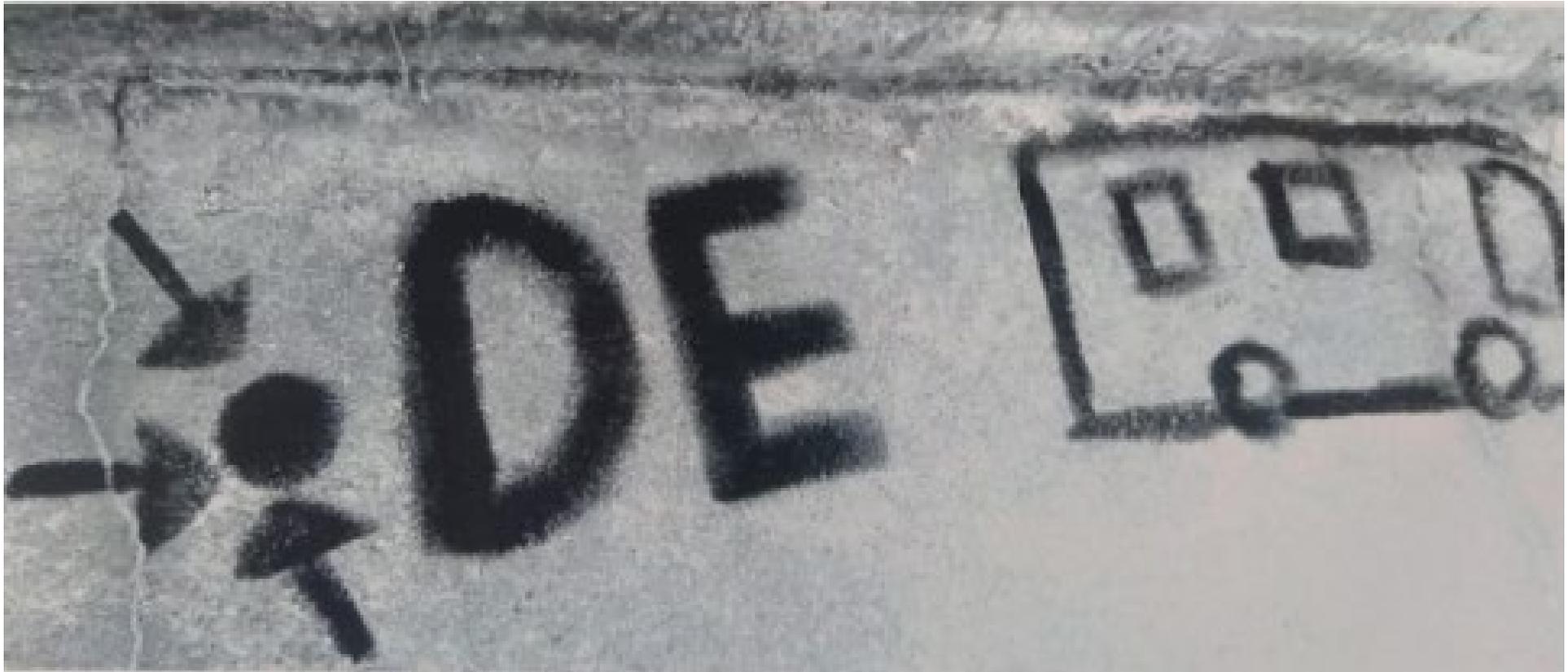


*A aluna Isabela Freitas fez seu trabalho a partir dos buracos nas calçadas de seu bairro, que ela pintou em volta. Um desses buracos, logo após a intervenção, foi tapado.*





*Adriamara e Lucas fizeram uma intervenção no Morro de São Benedito, em Vitória (ES), na qual deixavam recados sobre arte, dicas de livros e algumas citações preferidas da dupla.*



*A aluna Maisa observou a falta de ponto ônibus onde mora, no bairro Laranjeiras, Serra (ES). Para isso, desenhou no local a indicação de um ponto de ônibus ali.*



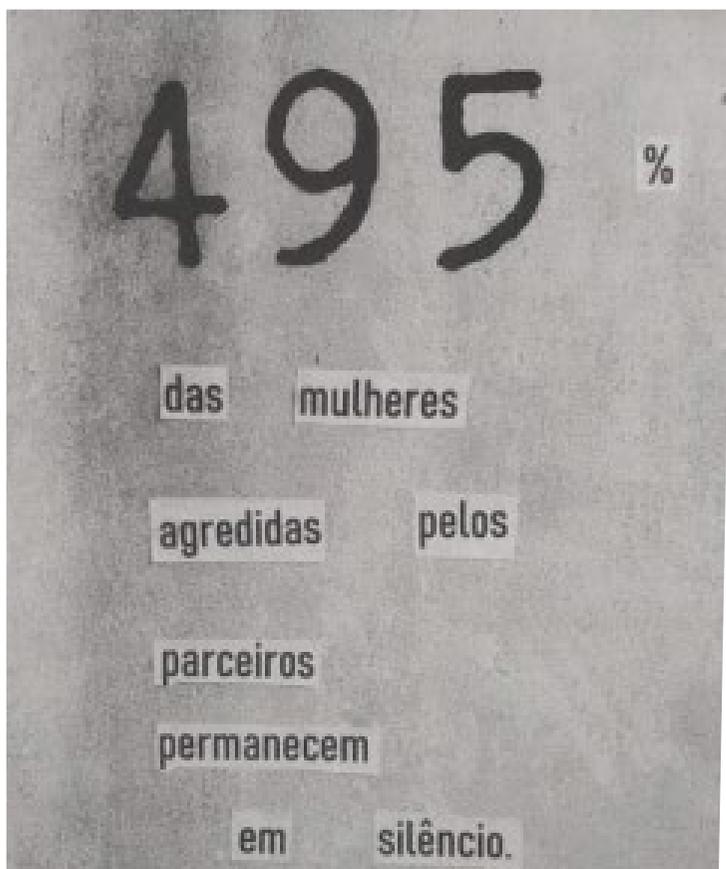
*Os alunos Kayo Barcelos e Vitória Karla alteraram um elemento do bairro, após concluírem que sua comunidade era um pouco “sem graça” e que precisavam modificar o cotidiano das pessoas.*



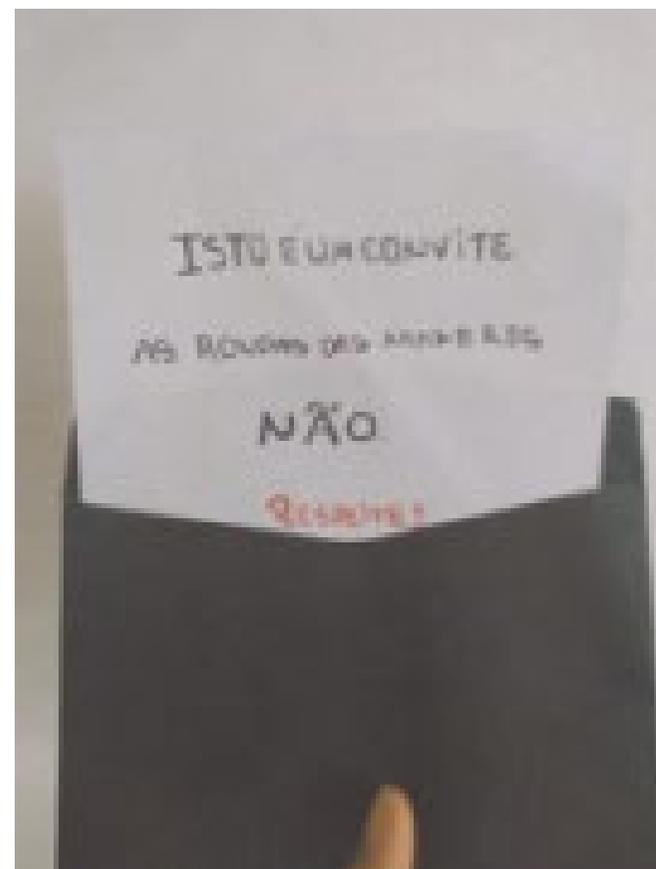
*Os alunos Guilherme e a Sara identificaram os muitos cachorros de rua em sua comunidade e entrevistaram, mostrando às pessoas que era possível incluir em suas vidas esses animais, alimentando-os e cuidando deles.*



*Para falar sobre as pessoas que só veem aquilo que querem, a aluna Ester colocou cópias xerocadas de dinheiro na rua, com mensagens no verso afirmando que “as pessoas só enxergam o que querem” e também conscientizando-as sobre a questão do lixo jogado nas ruas.*



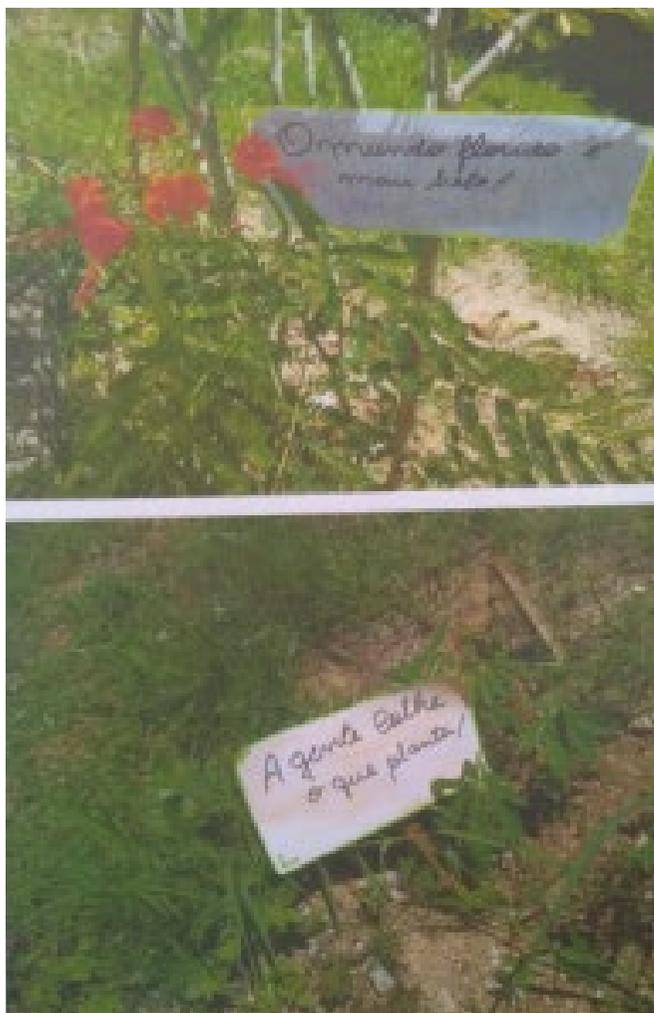
*O estado do Espírito Santo ocupa os primeiros rankings nas estatísticas de violência contra a mulher no Brasil. Para falar sobre aquelas mulheres que não registram denúncias contra seus agressores, Lorena e Nicolý utilizaram o número de uma casa em seu bairro para representar essa grande porcentagem, que não está presente nas estatísticas.*



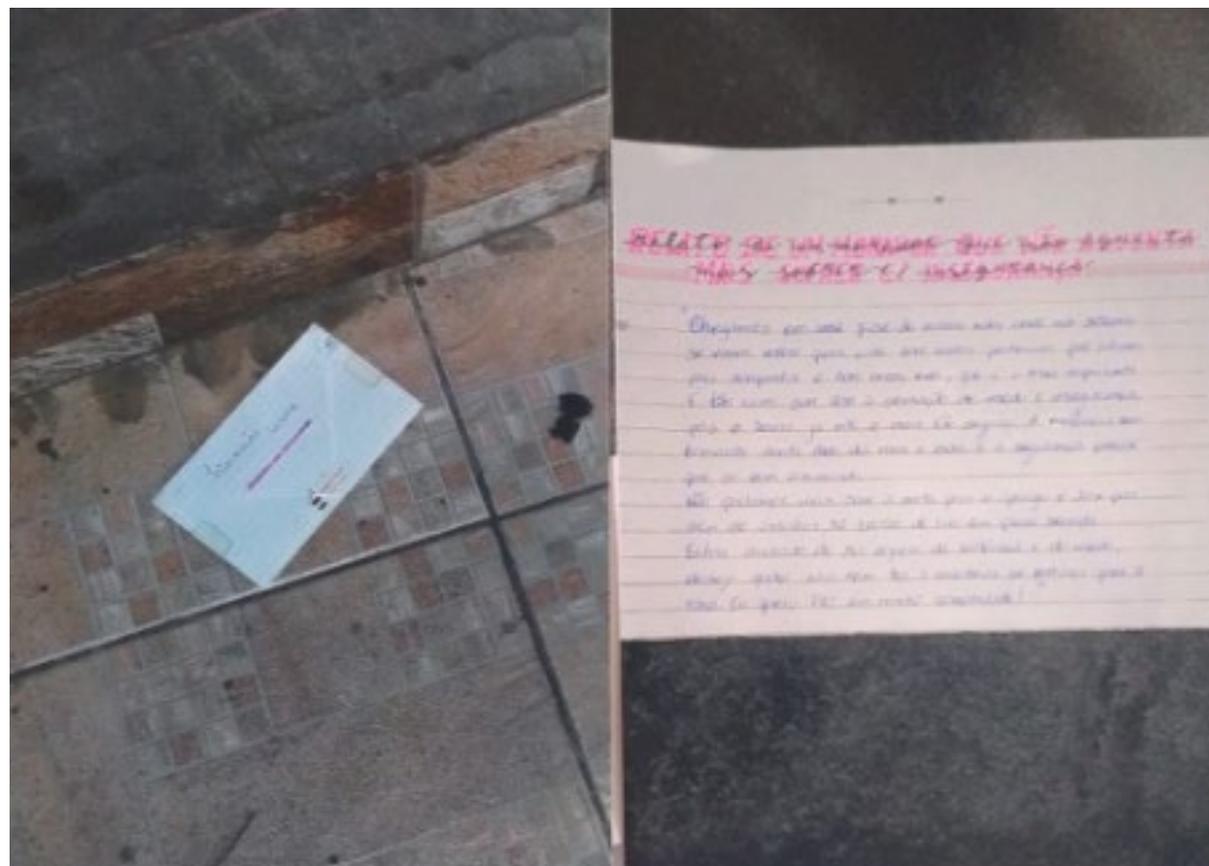
*Os recados abaixo foram deixados na frente de uma academia na Serra, onde muitas mulheres já sofreram assédio. A aluna Luana Souza, que fez a intervenção, também relatou ter sofrido assédio no mesmo local.*



*Os alunos Eric e Silas entrevistaram nos buracos do campo de futebol público do bairro, que era muito ruim jogar bola à noite. Para isso, compraram fitas adesivas reluzentes e indicaram esses buracos.*



Letícia Barcelos colocou placas em um local público onde as pessoas jogavam lixo a fim de conscientizá-las.



Relatos de vítimas de violência no bairro foram espalhados para que os moradores pudessem não se sentir sozinhos e, até mesmo, se sensibilizassem para organizar uma mobilização na comunidade. Trabalho da Kaunne Carvalho

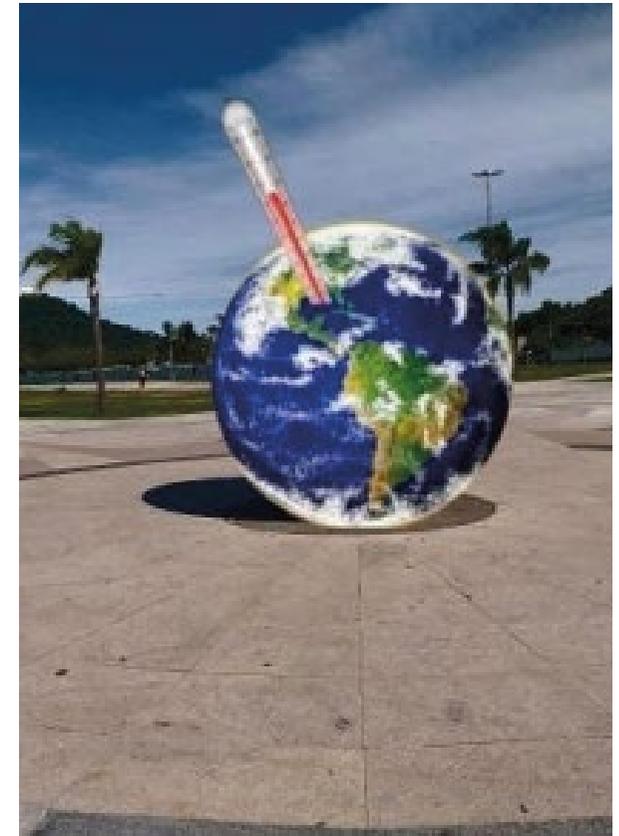


*Os alunos viram um espaço do Morro São Benedito em Vitória/ES em que os moradores jogavam lixo, modificaram o espaço tirando o lixo e ressignificando colocando plantas e aviso no local. (Gustavo e Ludmilla)*

Estes trabalhos teriam continuidade no ano de 2020, mas, por conta da pandemia, as intervenções urbanas foram adaptadas e aconteceram de forma virtual. Para que o público tivesse acesso a elas, criamos um perfil no Instagram, @segundosdoimh, com exposição desses trabalhos. Por se tratar de um projeto virtual, os alunos tiveram mais liberdade para explorar suas ideias, com colagens que talvez não pudessem conseguir realizar materialmente.



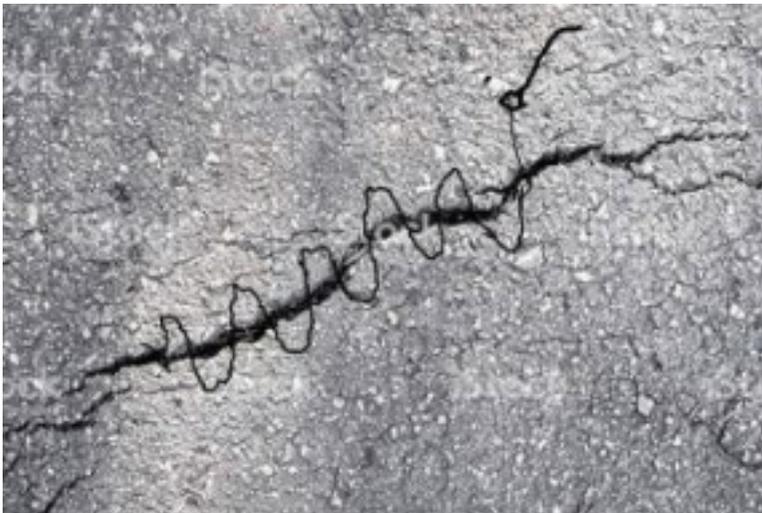
As alunas Eduarda e Milena fizeram uma paródia da obra “Isto não é um cachimbo”, de René Magritte, e levaram-na para a realidade dos pontos de ônibus do bairro onde vivem.



Na Praça do Papa, em Vitória (ES), as alunas Alice e Silvana realizaram uma intervenção na esfera instalada no local, no centro de uma rosa dos ventos — obra originalmente concebida pela arquiteta Angela Gomes.



Aqui, as alunas Julia e Thais entrevistaram após constatarem a falta de rampa de acesso para cadeirantes.



O aluno Marcelo “costurou” as rachaduras de sua rua.



A fim de deixar sua comunidade mais limpa, a aluna Eduarda transformou as lixeiras em alvos.



Os alunos Brayan e Pedro, a partir das ocorrências de suicídio na Terceira Ponte, que liga Vitória e Vila Velha (ES), chamaram a atenção para a necessidade de se expressar que sentem aqueles que tentam cometer suicídio no local.



A aluna Clara chamou a atenção para a falta de árvores no bairro onde mora.

## Anexo I - Algumas das obras trabalhadas em sala



*Vivienda para todos”, Francis Alys*



*Aníbal Lopez, 2002*



*Fra.Biancoshock*



*Francisco Pajaro*



*Tom Bob*



*Eduardo Srur*



*“Enxurrada de letras”, Grupo Poro, 2004*



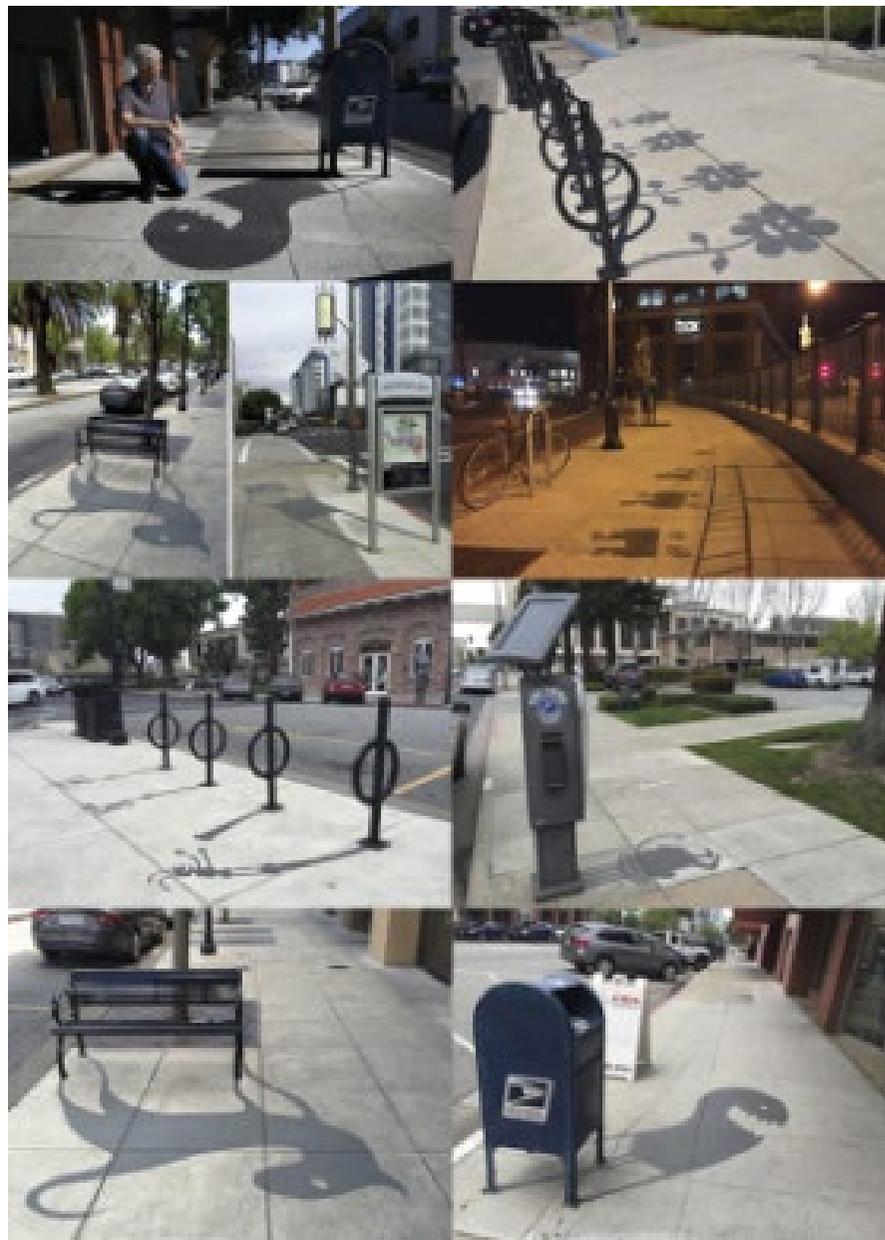
*“Ambulantes”, Francis Alys*



*Eduardo Srur*



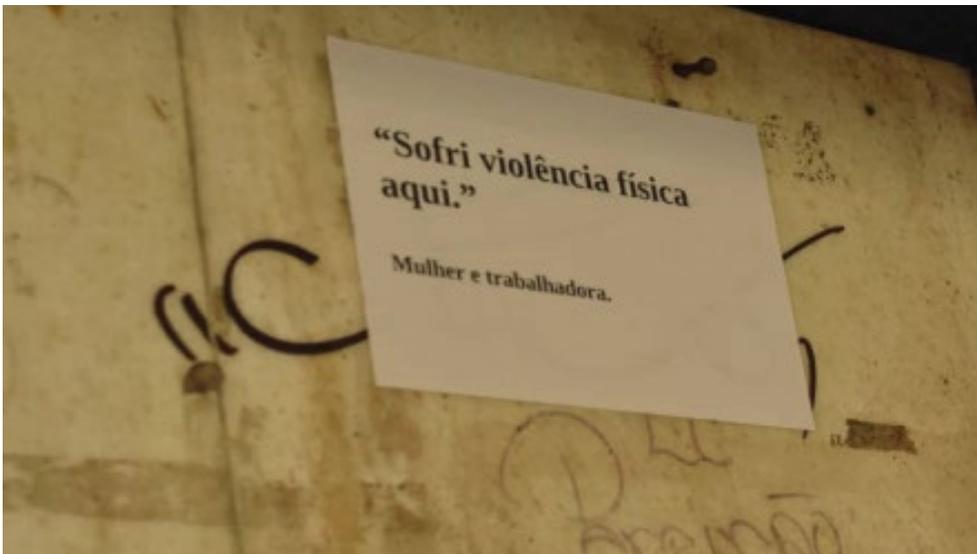
*“Caminho das águas”, do capixaba Piatan Lube*



*Damon Belanger*



*Intervenção na favela da Brasilândia, em São Paulo, criada por grupo de artistas urbanos da Espanha.*



*Geisa da Silva, artista capixaba, 2019 – @projetomapada*

## Referencias bibliográficas

BARJA, Wagner. Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. Artigos de opinião. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação (RICi), v.1 n.1, p.213-218, jul./-dez. 2008 213.

IABELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artemed, 2003.

McEVILLE, Thomas. Catálogo da exposição Francis Alys: The liar, The copy of the Liar. Galería Ramis Barquet, México, 1994.

Barzaghi, Clara. Francis Alÿs: olhar para a cidade a partir de uma prática artística. Revista ecológica. n.6. 2014.